

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volta de Goiás

Class.: 129

Data: 23/04/82

Pg.: \_\_\_\_\_

Ela diz que se sente entre duas culturas e que as pessoas ainda olham para ela com curiosidade. Seus primos e diversos outros parentes ainda vivem nas tribos. Severiá ainda tem dúvidas se votaria ou não no Cacique Juruna para deputado federal.

# Severiá, uma índia que estuda inglês

Ademar Fraga

No meio da sociedade branca, os índios que se integram são poucos e fazem parcialmente. Um caso típico é o da jovem Severiá Maria Idiorê, com 19 anos, dos quais 12 entre nós. Ela cursa Inglês na Universidade Católica, tem um irmão mais jovem, em São Paulo, estudando agrimensura, a nível técnico. Ambos, assim como outros quatro irmãos que se encontram "civilizados" são frutos, na verdade, da desagregação cultural da família de origem Carajá e Javaé.

Criada e educada em Goiânia por uma professora primária, dona Maria da Glória, Severiá ainda se sente discriminada, apesar de ser universitária. Seu maior desejo é retornar a tribo de seus pais e lá trabalhar, de acordo com as necessidades de seu povo. Desabafando, ela afirma: "As pessoas olham para mim com uma certa curiosidade. Depois que descobrem que sou índia, passam a me ver como uma exceção. Para as pessoas, de um modo geral, parece que temos o QI baixo. Mas na verdade, o que demonstram é uma imensa falta de conhecimento do que é o índio."

"Minha gente vive em Santa Isabel, Fontoura. Lá nós temos primos, um dos chefes é meu parente, de volta, espero ser bem recebida". Mesmo assim, pensando em voltar, Severiá sente-se insegura, como uma pessoa espremida entre duas culturas. "É verdade, estou mais prá cá do que prá lá", em relação às culturas. Pretendo ir definitivamente daqui a no



Depois de formada, Severiá pretende voltar para sua tribo e ajudar seu povo a encontrar uma vida melhor

máximo quatro anos. Mas antes devo ir para conhecer a realidade do lugar e definir como posso ajudar o meu povo".

Severiá mostra-se bastante cautelosa ao expor suas idéias. Estimulada a fazer um julgamento dos movimentos a favor do índio, quanto ao avanço do cacique Juruna no cenário nacional, e dizer o que pensa da Funai, ela mostrou-se desconfiada de todos. Quanto à Funai, ela reserva uma mágoa inesgotável.

Juruna, hoje, é candidato a deputado federal pelo Partido Democrático Trabalhista, o PDT de Leonel Brizola. "Se você tivesse oportunidade, votaria no Juruna?" — "Talvez, sim, talvez não. Eu precisaria saber da realidade. É toda uma estrutura, tanto para o branco quanto para o índio, aquelas idéias do povo, para o

povo, já estão muito desgastadas. Muita gente acaba aderindo. Se eu tivesse oportunidade, perguntaria ao Juruna: você vai continuar a trabalhar ou vai entrar para o bolo deles, dessa estrutura a que tanta gente acaba aderindo?"

Quanto aos movimentos a favor do índio, ela revela pouco entusiasmo, mas respeita as iniciativas sinceras: "É benefício tudo o que se volta para a defesa do índio. E prejudica a medida em que há pessoas querendo aparecer, ficar famosas a partir desses movimentos".

Dois coisas revoltam Severiá: a exploração do branco sobre o índio e a atuação da Funai, principalmente no que se refere ao episódio de desintegração da sua família. Ela teria perdido seu pai, Idiorê, por exploração de pescadores que o embebedaram, possivelmente para mais facilmente explorá-lo como guia.

"A Funai, que deveria me dar apoio, assim como a outros índios, tudo fez para atrapalhar o meu processo de escolarização, a legalização de minha vida aqui na cidade. E me lembro muito bem que, quando viemos para Goiânia, com todo mundo da família doente, alguém conseguiu alójá-nos com um certo conforto. Um funcionário da Funai, fiscalizando o lugar onde estávamos, disse que aquilo era lugar de rico".

Comparando a situação do índio com a grande massa de pobres entre os brancos, ela sintetiza: "Os brancos massacram o próprio povo deles, o próprio sangue deles, o que não há de ser de nós?"

**CEDI**

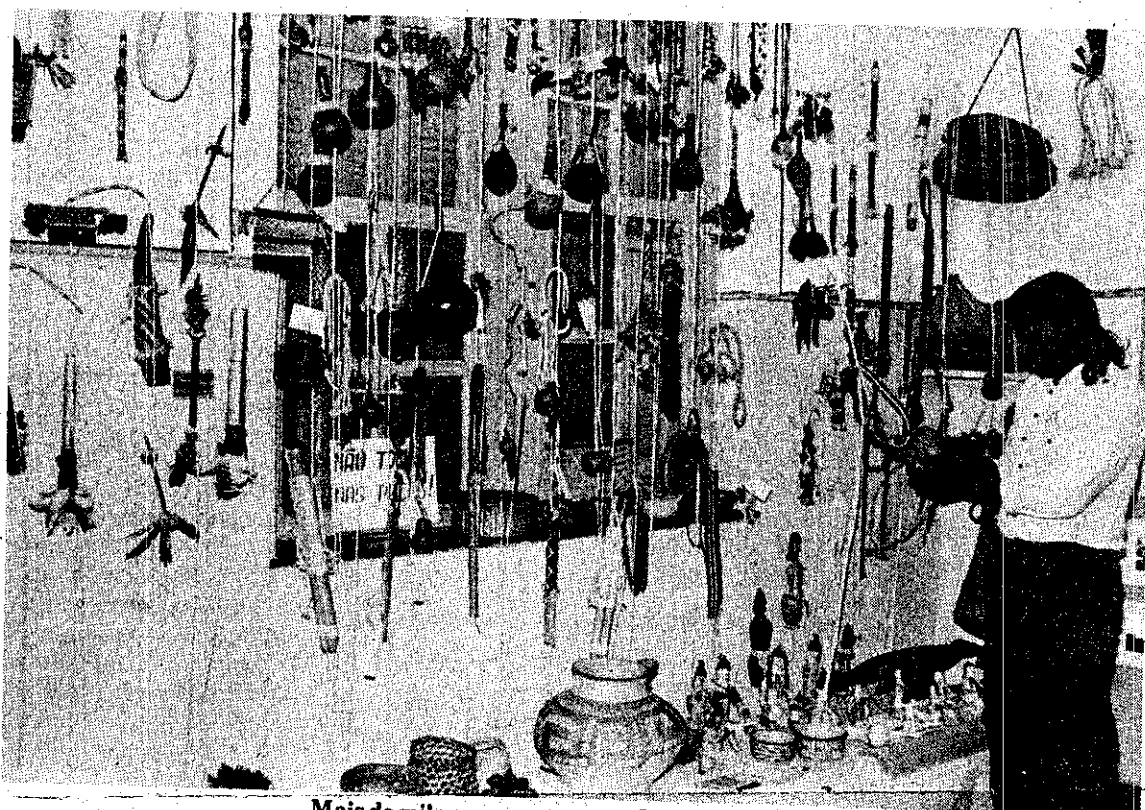
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Delho de Gois

Class.: 109

Data: 23/09/82

Pg.: (Cont.)



Mais de mil peças mostram, no Instituto Chicago, a arte de 17 diferentes tribos brasileiras

## POUCOS EVENTOS NA SEMANA DO ÍNDIO

A semana do índio, que ora se encerra foi bastante pobre em comemorações. A própria Funai optou por fazer solenidades nas aldeias, as escolas públicas encontram-se vazias em razão da greve dos professores e nenhuma instituição, como as universidades, se animam a fazer qualquer promoção.

Um dos poucos eventos foi a exposição da arte indígena, promovida pelo Instituto Chicago de Cultura, aberta sábado último, devendo permanecer até dia 31, na rua 18, número 3, Centro. No local podem ser apreciadas as

artes de 17 diferentes tribos de todo o Brasil.

"Eu vejo a arte indígena como qualquer arte. Afinal, eles são gente como outra pessoa qualquer e assim devem ser vistos. Nós não promovemos a arte alemã, a norte-americana, a peruana? Indaga Rômulo de Souza, um dos responsáveis pela exposição do Chicago. Quando alguém se convence da qualidade da arte indígena, passa a respeitar os seus valores, começa a ver os índios com outros olhos que não o do preconceito".

Rômulo de Souza, bas-

tante requisitado para proferir palestras nas escolas e outros meios culturais, nesta semana do índio fez acompanhar pelo cacique Barbatí, numa peregrinação cuja meta é despertar nas pessoas, principalmente nas crianças, uma idéia mais justa acerca do índio e seus problemas, do seu destino enquanto minoria, diante do massacre cultural promovido pela sociedade brasileira. Para Barbatí, o importante, nesta semana do índio, é mostrar o que é *Dahomãnzé-vida*, cultura, tradição Xavante.